

RECOMPONDO FRAGMENTOS MATERIAIS E SOCIOCULTURAIS: O PEDAÇO DE LOUÇA DE FAIANÇA FINA DO MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO

Daniela Mei Lipp Nissinen
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)¹

RESUMO: O presente artigo analisa o objeto como meio de interação e compreensão das relações socioculturais e suas distintas dimensões e interações tangíveis e intangíveis. A dinâmica da materialidade que se prolonga na história é estudada a partir da análise intrínseca e extrínseca de um fragmento de louça de faiança fina do Museu Joaquim José Felizardo em Porto Alegre/RS. São apresentados dados de valores funcionais e simbólicos gerados a partir das possíveis relações entre o objeto e a sociedade no contexto do século XX. Uma reflexão é feita sobre a área da cultura material e sua importância na compreensão de momentos históricos. Conclui-se que a interpretação de dados referentes à pesquisa em cultura material é subjetiva e dinâmica e, portanto, passível de reinterpretação e reformulação.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Urbana. Cultura Material. Faiança Fina. Pesquisa Museológica.

RESEARCHING THE ORIGINS OF MATERIAL AND SOCIOCULTURAL FRAGMENTS: THE CASE OF A ENGLISH PORCELAIN FRAGMENT OF THE MUSEUM JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO

ABSTRACT: *The present study analyses the object as a vector for interaction and comprehension of social and cultural relations and their distinct tangible and intangible dimensions. The dynamics of materiality throughout history is studied based on the intrinsic and extrinsic analyses of an ironstone china fragment of the Museum Joaquim José Felizardo in Porto Alegre, Brazil. Data is presented from functional and symbolic values generated from all possible relations between object and society in the XX century context. A discussion is carried out on the subject area of material culture and its importance in the understanding of historical moments and social developments. In conclusion, the interpretation in material culture research is subjective, dynamic and, therefore, capable of reinterpretation and reformulation.*

KEYWORDS: *Urban Archaeology. Material Culture. Ironstone China. Museology Studies.*

¹ Discente do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: nissinen.danielamei@gmail.com.

RECOMPONDO FRAGMENTOS MATERIAIS E SOCIOCULTURAIS: O PEDAÇO DE LOUÇA DE FAIANÇA FINA DO MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO

1 INTRODUÇÃO

[...] os restos nos contam sobre o uso do tempo. Seu desgaste é uma lembrança do tempo que passa.

(Debary, 2010, p. 238)

Os estudos contemporâneos relacionados às contribuições da cultura material como fonte histórica apontam esta como um fenômeno ativo, pois segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, dentro de uma relação entre diferentes *mentes, práticas e representações*, os artefatos “nos moldam; não apenas nos expressam, mas, igualmente, de formas e em graus variados, nos constituem” (*apud* CARVALHO, 2008, p. 12). Dessa forma, conforme Meneses, são *produtores de seres sociais* uma vez que, como mediadores de distintas relações entre sua origem – produção, circulação e seus destinos – usuários, consumação, funcionalização e produção de efeitos, permeiam os complexos e dinâmicos processos das sociedades.

Segundo Margarete Moraes, Secretária de Cultura de Porto Alegre em 2001, “referências materiais permitem perceber de forma direta, palpável, processos de mudança, diversidade social e variadas formas de apropriação dos espaços e práticas sociais” (*apud* TOCCHETTO *et al*, 2001, p. 8). Desta forma, promovem a pesquisa e a compreensão dos fatos e processos históricos que influenciaram na constituição do *ethos* (modo de ser) das sociedades anteriores e presentes. Ainda, conforme a mesma autora, “para conhecer a história vivenciada, que explica e dá sentido aos acontecimentos marcantes, é preciso encontrar o cotidiano de seus antigos moradores, feito de pequenos gestos, refeições, materiais, inter-relações sociais”. Logo, por trás da recuperação de informações como essas, está, como potência, o processo de pesquisa em museus e demais instituições culturais. Quando gerida de forma interdisciplinar e ética por profissionais do campo patrimonial, esta ação museográfica contribui para:

[...] reconhecer os museus enquanto locais de preservação do patrimônio, lugares de memória, educação e pesquisa e por ser um local onde se conferem atividades de pesquisas que caracterizam pela produção de conhecimento afirmando seu compromisso social (FERNANDES; BANDEIRA, 2014).

O presente estudo pretende apresentar o fragmento de louça de faiança fina da

indústria inglesa *J&G Meakin* recuperado no âmbito de escavações do Sítio Arqueológico Brigadeiro Sampaio², promovidas entre os anos 2010 e 2011 – em função da realização de obras para a implantação de uma nova linha subterrânea da CEEE na Avenida Presidente João Goulart, no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre/RS. As escavações arqueológicas revelaram resquícios da Casa de Correção – antiga cadeia do município e da usina termelétrica (atualmente conhecida como Gasômetro), além de casas, outros paredões da Praça da Harmonia e uma lixeira do século XX. Dentre a diversidade de materiais recolhidos, encontra-se, de uma série significativa de fragmentos de louça europeia, o objeto de estudo desta pesquisa. A peça, pertencente ao Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, localizado na cidade de Porto Alegre, integra a coleção arqueológica desta instituição que, de acordo com o site da Prefeitura de Porto Alegre²,

[...] conta com 200.000 itens relacionados a diferentes grupos que ocuparam o território desde o período pré-colonial. O Museu possui coleções de material cerâmico, lítico, ósseo, entre outras, provenientes de áreas de ocupação indígena anteriores à chegada dos colonizadores, e coleções oriundas de sítios ocupados entre os séculos XVIII e XX, como peças produzidas em louça, vidro, metal, couro, pedra, ossos, cerâmica, restos ósseos humanos e alimentares.

Em grande parte relacionadas às dinâmicas da *vida doméstica e de outras atividades como comércio e produção de bens* (TOCCHETTO *et al*, 2001), as louças, como as demais manifestações de cultura material, possibilitam a leitura de formas, sentidos e representações envoltas em distintas dinâmicas socioculturais das sociedades que as produzem, as utilizam e ressignificam. Dessa forma, serão exploradas como testemunhos materiais, pois, segundo Barbuy,

[...] uma vez guardados nos museus, estes objetos passam a ser considerados como parte de nosso patrimônio cultural. Isto quer dizer que eles serão conservados, documentados, pesquisados e expostos ao público (1995, p. 21).

Tendo em vista estas especificidades e as contribuições das áreas da Cultura e do Patrimônio para a formação, a democratização e a fruição da informação e do conhecimento, o presente trabalho busca agregar para a continuidade de ações museológicas e arqueológicas ao utilizar como fonte de pesquisa a cultura material, representada através de um fragmento de louça de faiança fina. Para isto, realizou-se a

² Disponível em: < http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=278 >. Acesso em 20/06/2018.

análise e a aproximação entre distintas fontes bibliográficas das áreas da Museologia, Antropologia, História e Arqueologia. Ainda, para a mesma autora, especificamente a esta tarefa se dedicam os estudos da Arqueologia Urbana a qual, por meio de análises intrínsecas e extrínsecas das materialidades arqueológicas, se caracteriza como área “fundamental ao conhecimento da cidade e na proteção, valorização, preservação e difusão de seu patrimônio” (TOCCHETTO *et al*, 2001, p.7).

Para Meneses (2008), práticas e representações, em modo verbal e material, são como peças diversificadas que não têm a necessidade de serem encaixadas coerentemente como num quebra-cabeças. Dessa forma, este artigo busca tecer aproximações frente às possíveis trajetórias do fragmento de louça de faiança fina salvaguardado pelo Museu Joaquim José Felizardo. Importa reforçar, como defendido por Tocchetto, que “como um exercício e não pretendendo esgotar as possibilidades de análise, a reflexão realizada remete para uma necessária investigação de dados arqueológicos e de informações históricas contextuais”. (2009, p. 133). Logo, diante da complexidade com que se trabalha ao pesquisar cultura material e documental, propõe-se que o conteúdo seja interpretado e atualizado conforme outras fontes e informações complementarem o caminho dinâmico que pulsa através da materialidade, antes funcional e, no momento, musealizada³. Por trás de uma nova ressignificação nas reservas técnicas e nos espaços expositivos dos museus, os objetos têm o potencial de apresentar inúmeras possibilidades de interpretação, ressignificação e difusão, como sugere a pesquisa aqui compartilhada.

2 RECOMPONDO FRAGMENTOS MATERIAIS E SOCIOCULTURAIS: A PESQUISA POR TRÁS DO PEDAÇO DE LOUÇA INGLESA “SOL”

Em *Princípios Básicos da Museologia*, Evanise Pascoa Costa pontua premissas e orientações para as etapas do processo de lida museológica, conforme regulamentações da profissão e instituições de salvaguarda. Segundo a autora,

Entende-se por *pesquisa museológica* toda informação que o objeto possui de ordem socioeconômica-cultural. Todo acervo museológico deve ser pesquisado. Só assim será possível o máximo de informações sobre o objeto. Ex.: sua origem, procedência, vinculação histórica. Sem pesquisa, as referências sobre os objetos se tornarão falhas e não transmitirão sua verdadeira história. É importante que o museu tenha um grupo multidisciplinar (historiador, sociólogo, artista, arquiteto, professor de Educação Artística, colecionador, etc.) formado por elementos da cidade,

³ Link de vídeo-reportagem sobre as escavações arqueológicas realizadas entre 2010 e 2011 na praça Brigadeiro Sampaio, em Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UnVddsG1p2Y> Acesso em: 20/06/2018.

cada um desenvolvendo pesquisas em seu campo a fim de complementar as informações referentes ao acervo (PASCOA, 2006, p. 44).

No âmbito da proposta de pesquisa da Disciplina de Cultura Material e Cultura Visual na Museologia Brasileira do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foram realizadas duas visitas à reserva técnica do acervo de Arqueologia do Museu Joaquim José Felizardo, mediadas pela Museóloga Kimberly Terrany Alves Pires, então docente da disciplina, e pela Arqueóloga e Coordenadora do Programa de Arqueologia Urbana de Porto Alegre, Fernanda Tocchetto. Dentre a seleção de objetos dispostos à turma, elegi para o prosseguimento da investigação um fragmento de louça de faiança fina, datado do século XX. Escolhido o objeto de pesquisa, foi orientado o uso de referências abrangentes à área de cultura material, tendo sido elencados como base os estudos de Carvalho (2008) em *Gênero e Artefato – O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material*; Barbuy (1995), em *Entendendo a sociedade através dos objetos*; Tocchetto (2001; 2009) em *A Faiança Fina em Porto Alegre - Vestígios Arqueológicos de uma Cidade* e *A louça em lixeiras urbanas*.

Levando em conta que “um objeto pode nos trazer muito mais informações do que parece” (BARBUY, 1995, p.1), como parte fundamental do processo de pesquisa integraram as seguintes etapas: a análise *extrínseca* do objeto, desde a observação de sua imagem e estado de conservação/fragmentação até a aferição de medidas dimensionais (Figura 1), a coleta de informações *intrínsecas* através da pesquisa bibliográfica especializada em cultura material e faiança fina em publicações tais como artigos, livros, sites de colecionadores/comerciantes de louças antigas, além da consulta em materiais referentes ao acervo bibliográfico e ao laudo da escavação arqueológica na qual o fragmento foi recuperado. Ademais, foi de suma importância o contato e a troca de informações via correio eletrônico junto às instituições inglesas de gestão patrimonial *Stoke on Trent Archive*, *Wedgewood Museum* e *The Potteries Museum & Art Gallery* – localizadas em Stoke-on-Trent, região na qual situava-se a fábrica J&G Meakin (1851-2000), produtora da louça de faiança fina pesquisada. Em um primeiro momento, e de acordo com as classificações dispostas na ficha de identificação de objeto/inventário do Acervo Arqueológico do Museu Joaquim José Felizardo (preenchida no âmbito da segunda visita à reserva técnica, em 08/05/2018) os dados *extrínsecos* foram analisados e reunidos na seguinte compilação:

Ficha de identificação de objeto arqueológico:

Denominação: Fragmento de peça de louça plana da empresa fabricante de origem inglesa “J&G MEAKIN” (Hanley, Stoke-on-Trent, Staffordshire)

Dimensões: 4 mm de espessura; 4,6 cm de largura e 6 cm de altura

Especificidades materiais: louça de faiança fina

Número de Catálogo: 10.60

Número caixa/saco: não tem

Nome da subcoleção (Sítio Arqueológico/AOA): 10 - Praça Brigadeiro Sampaio

Estado de fragmentação: Número de Fragmentos: 3

Estado de conservação: “bom” (de acordo com as classificações da ficha de identificação de objeto/inventário)

Figura 1: Fotografia de fragmento de louça de faiança fina do Museu Joaquim José Felizardo.



Foto: Daniela Mei Lipp Nissinen, 2018.

A análise intrínseca e extrínseca permitiu o reconhecimento da categoria de fragmento de louça encontrado como sendo de faiança fina inglesa. Segundo Tocchetto (*et al*, 2001), este tipo de louça “constitui uma categoria cerâmica intermediária entre a faiança e a porcelana”, apresentando, portanto, características porosas e absorventes. Conforme Pileggi (1958, p. 193 apud TOCCHETTO *et al*, 2001 p. 21), o termo *cerâmica* é uma denominação genérica que “abrange todos os produtos derivados de uma composição de argila e outras substâncias minerais, postos ao cozimento para obter solidez e inalterabilidade”. O fragmento, tendo sido recuperado no âmbito de escavação arqueológica do Sítio Brigadeiro Sampaio (RS.JA-10), no Centro-Histórico de Porto Alegre, foi datado como sendo de uso proveniente do século XX. Assim, buscou-se confirmar, também, a origem e a data aproximada de produção da louça. Foi realizado, portanto, o levantamento

tipológico e informacional, seguido de sua tradução do inglês para o português, conforme a Figura 2, da coleção de louças com a inscrição da marca “SOL” divulgadas no site do Museu Wedgwood⁴ (Instituição que leva o nome da Companhia de louças que se tornou subsidiária da fábrica J&G Meakin após seu fechamento).

Figura 2: Pesquisa de louças *J&G Meakin* com a marca « SOL » na coleção do Museu Wedgwood.



Fonte: Site institucional do Museu Wedgwood. Disponível em:

<http://www.wedgwoodmuseum.org.uk/collections/search-the-collection/mark/sol_meakin>

Acesso em: 30/09/2019.

Levantamento tipológico a partir da coleção do Museu Wedgwood:

Teaware: louça de chá

Useful ware/ bread and butter plate: louça útil/prato para pão e manteiga

Teaware/cream: louça de chá/creme

Dinnerware/platter: louça de jantar/travessa

Ware: mercadoria; louça; vasilhame; utensílio

A ação proporcionou não só o acesso informacional relevante à análise da constituição material, visual e histórica do fragmento, mas também a aproximação à imagem e à função da louça quando de sua integridade. Esta primeira compreensão permitiu,

⁴ Coleção de louças da marca “SOL” disponível no site: <http://www.wedgwoodmuseum.org.uk/collections/search-the-collection/mark/sol_meakin>. Acesso em: 20/06/2018.

também, que se prosseguisse na pesquisa das origens e trajetórias históricas por trás da materialidade, ou seja, a *alma* do objeto que foi moldado, moldou e protagonizou distintas vidas. Para Meneses (*apud* CARVALHO, 2008, p. 11), “a dimensão material não é só a do produto e do produzido, mas é o vetor sensorial que simplesmente torna possível cultura e vida social”. Desta forma, tecendo possíveis encontros e relações entre a produção e o uso de um mesmo objeto – a partir da análise de seu fragmento, o estudo aborda não só os resultados gerados a partir da pesquisa em cultura material e arqueológica, mas também as possíveis relações por ele mediadas e, neste momento, aproximadas.

3 O OBJETO MOLDADO: A PRODUÇÃO DE LOUÇA DE FAIANÇA FINA NA FÁBRICA INGLESA J&G MEAKIN

De acordo com o Museu Wedgwood, a fábrica J & G Meakin Ltd. of Eagle and Eastwood Potteries (Figura 3) foi fundada no ano de 1851 e teve seu complexo de fornos para queima de cerâmica – denominados na língua inglesa de “*Eagle Works*”, construído em 1859, na região central da Inglaterra em Hanley (atual cidade de Stoke-on-trent), pertencente ao condado de Staffordshire. Durante o século XIX e XX, a fábrica ficou reconhecida e popularizada pela intensa produção de louças de faiança fina (*ironstone china*⁵) comercializadas por um preço baixo para integrar a organização doméstica dos lares e os mercados de exportação.

Figura 3: Fábrica J&G Meakin, em Hanley, na Inglaterra, s.d..



Fonte: Fotografias do livro *J. & G. Meakin Pottery—History in the Making*

⁵ Conforme a Enciclopédia Britannica (2012), Ironstone china consiste em um tipo de faiança cerâmica introduzido na Inglaterra no início do século XIX, por ceramistas do condado de Staffordshire que buscavam desenvolver um tipo de porcelana que pudesse ser produzido em série. A experiência resultou em uma densa, dura e, portanto, mais durável louça que passou a ser conhecida por diversos nomes, tais como faiança fina, semiporcelana, porcelana opaca, porcelana Inglesa e stone china. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/ironstone-china>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Em 1970, a firma integrou o Grupo de Companhia Wedgewood. A produção fabril foi interrompida nos anos 2000, com o encerramento de atividades no nome de Meakin e a continuidade pela Companhia Johnson Brothers até 2004. Segundo Marks (2007), em seu histórico de quase 200 anos de atividade, a fábrica representou pioneirismo no contexto inglês de produção ceramista em louças de faiança fina. Isto se deu pelo fato de ter realizado – em um curto período de existência, o processo de transformação do modo manufatureiro: de uma produção inicialmente manual (Figura 4) e realizada em fornos de tijolo mais rústicos, e, portanto, mais lenta e artesanal, passou a incorporar o uso de máquinas (Figura 5) e a produzir em série e em maior quantidade. Esta mudança ocasionou não só uma maior quantidade de louças produzidas, mas também um comércio dinâmico e conectado a outros mercados além-mar – tais como o americano, de norte a sul.

Figura 4: Produção manual de moldes cerâmicos utilizando argila vermelha para a confecção de louças de chá pela Artesã Hilda Adams, s.d..



Fonte: Coleção Fotográfica do Museu Imperial da Guerra – IWM (D 11458).

Figura 5: Introdução de máquina automatizada na produção de louças da fábrica J&G Meakin, *circa* 1966.



Fonte: Fotografia do livro *J. & G. Meakin Pottery—History in the Making*.

Desta maneira, a cultura material – representada neste estudo pelo fragmento de louça de faiança fina – quando somada às fontes imagéticas e documentais contendo informações históricas, reverbera as distintas dimensões sociais, econômicas e culturais interligadas por trás da fundação de uma materialidade:

[...] ao se tornar metonímia de um sistema cultural, o objeto torna-se um documento e, portanto, passível de uma hermenêutica ou, ainda, de um processo interpretativo capaz de remetê-lo a paisagens culturais específicas, seguindo historicidades particulares (SILVEIRA, FILHO, 2005, p. 42).

Reunidas, estas informações permitem adentrar no campo mais poético e subjetivo da análise, afinal, conforme Tocchetto, “A interpretação é multifocal, isto é, um mesmo passado pode ter múltiplas interpretações” (2003, p. 60).

4 O OBJETO QUE MOLDA: FORMAS E SENTIDOS MOVIDOS PELA CULTURA MATERIAL

Conforme Tocchetto *et al*, em *A Faiança Fina em Porto Alegre – Vestígios Arqueológicos de uma Cidade*, “dentre as diversas categorias de material arqueológico histórico, a cerâmica industrializada de origem europeia destaca-se pelo seu potencial informativo” (2001, p.19).

Isto se dá não só pela sua característica padronizada no âmbito industrial, a qual permite verificar distintas técnicas e estéticas empregadas ao longo dos períodos de produção, mas também pela documentação histórica que perpetua. No entanto, após o contato com instituições de salvaguarda na cidade de Stoke-on-Trent, foi constatada a reduzida produção de informações relacionadas à trajetória da fábrica J&G Meakin. Dessa forma, além da compilação de dados compartilhados pelo Arquivo (*Stoke on Trent Archive*), e Museu Wedgwood (*Wedgwood Museum*) e de Museu da Cerâmica/Galeria de Arte (*The Potteries Museum & Art Gallery*) de Stoke on Trent, foram elaboradas pesquisas embasadas nas hipóteses das possíveis e distintas trajetórias percorridas pelo objeto no contexto da cidade de Porto Alegre no século XX.

Dessa forma, cabe reforçar que, assim como os sistemas culturais, a informação e o conhecimento se transformam ao longo do tempo e das sociedades, uma vez que são fenômenos altamente mutáveis dentro de um processo temporal. Para Gonçalves,

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais, sejam aqueles espaços institucionais e discursivos tais como as coleções, os museus e os chamados patrimônios culturais. Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (2007, p. 15).

Já para Hainard (1984), “o objeto não é a verdade de absolutamente nada. Polifuncional em primeiro lugar, polissêmico em seguida, ele só adquire sentido se colocado em um contexto”. Logo, da mesma forma se configura a interpretação entre a louça – sua origem, circulação e consumo, e o sujeito por trás de sua ressignificação: uma vez podendo ser utilizada e empregada de diferentes formas, como objeto funcional ou mesmo decorativo, a louça pode servir como matéria representante de modelos vigentes daquele período, bem como de seus deslocamentos e ressignificações. Neste sentido, segundo Guillaume,

A valorização da materialidade é própria da sociedade moderna industrializada, que enfatiza o visível e o material. A materialidade das coisas é também o suporte de diversos discursos, uma espécie de cápsula de sentidos e práticas (de fruição, de consumo) muito diversas (1980, p. 22).

Diante disto, os objetos e as relações geradas junto aos mesmos são alterados ao longo do tempo – levando em conta sua inserção em distintos contextos geográficos e socioculturais. Constituem, assim, fenômenos representativos dos processos dinâmicos da cultura. Assim, uma mesma louça produzida na Inglaterra, com fins de uso funcional no meio doméstico, pode ter sido reinterpretada, após sua comercialização em Porto Alegre, como elemento decorativo e carreador de *status* social. Neste sentido, Jean Baudrillard (2008) relaciona que os objetos, situados em um determinado sistema cultural, transcendem a funcionalidade para manifestar o seu valor simbólico. Ainda, segundo Marc Guillaume (2003), “o objeto permite fazer, mas também dizer, e uma das suas propriedades é servir de embraiador entre o estático e o dinâmico, a ação, o discurso e a recordação”.

Figura 6: Operária da fábrica J & G Meakin carimbando a marca « SOL » na base de pratos de louça antes de passarem pelo processo de queima em forno industrial, s.d..



Fonte: Coleção Fotográfica do Museu Imperial da Guerra. © IWM (D 11480).

A Figura 6 permite situar a leitura entre estes sentidos: a recordação, expressa através da captura do momento pela fotografia, demonstra o universo por trás de quem e como se produziu o tipo de louça estudada. Desta maneira, remete ao dinamismo por trás do sistema de produção mas também revela que o mesmo era conduzido majoritariamente por mulheres, cujas mãos não só moldavam o corpo da cerâmica mas também a estética através da aplicação de artes decorativas e carimbos de marcas (Figuras 7 e 8). Ainda, segundo Barbuy (1995, p.19), “através das marcas podem-se descobrir coisas como a época

do objeto, sua cidade de origem e quem o fabricou”.

Figura 7: Vista de mulheres manipulando os moldes de cerâmica na fábrica J & G Meakin, s.d..



Fonte: Coleção Fotográfica do Museu Imperial da Guerra. © IWM (D 11466).

Figura 8: Vista da sala de decoração da fábrica J & G Meakin, mostrando operárias realizando a pintura de decoração nos pratos de louça de faiança fina antes de serem envernizados. Esta série de pratos foi projetada para a exportação ao mercado sul americano, s.d..



Fonte: Coleção Fotográfica do Museu Imperial da Guerra. © IWM (D 11488).

Ao mesmo tempo, conforme a mesma autora, a análise de marcas, ornamentos, e símbolos manifestados no objeto permite revelar certas tendências de uma sociedade, como a importação de mercadorias estrangeiras. A estampa da série de louças “SOL”, apesar de conter variações em sua apresentação, tradicionalmente constituía-se de um sol nascente, acompanhado de seus raios, apresentando dois olhos que fitam o desenho a partir de uma suposta linha de horizonte (Figura 9). Além disso, conforme a Figura 10, foi constatada a similaridade da identidade visual empregada por outras fabricantes de louça de faiança fina ao mesmo período, cuja logotipia também remetia à representação de um sol.

Figuras 9 e 10: Catálogo Kovels *New Dictionary of Marks*, 1953.



Fonte: Fotos de Daniela Mei Lipp Nissinen a partir do Catálogo Kovels *New Dictionary of Marks*, 1953.

Diante desta similaridade, a pesquisa foi direcionada à interpretação da simbologia por trás do desenho de sol, no entanto, não foram encontradas fontes para acessar a esta informação. Supõe-se que a repetição da influência visual relaciona-se a algum movimento estético, ideológico, cultural e/ou político vigente nos países produtores de louça durante o século XX. Apesar disso, a pesquisa da marca possibilitou identificar que os anos de 1912-1963 (MARKS, 2007) compreenderam o período de fabricação da série de louças com a inscrição da marca “SOL”. A partir das informações coletadas, uma segunda ficha de identificação do fragmento arqueológico foi elaborada, por sua vez, de forma mais

aprofundada, conforme as Figura 11 e 12:

Figura 11: Aferição de medidas do fragmento arqueológico.



Foto: Daniela Mei Lipp Nissinen, 2018.

Figura 12: Segunda ficha de identificação do fragmento arqueológico

| | |
|--|--|
| NOME DA SUBCOLEÇÃO (SÍTIO ARQUEOLÓGICO/AOA) | 10 - Praça Brigadeiro Sampaio |
| NÚMERO DE CAIXA/SACO | Não tem |
| NÚMERO DE CATÁLOGO | 10.60 |
| ESPECIFICIDADES MATERIAIS | LOUÇA DE FAIANÇA FINA (<i>Earthenware</i>) |
| ESMALTE | <i>ironstone</i> |
| FABRICANTE | & G. MEAKIN |
| PERÍODO DE FUNCIONAMENTO | 1851 - 2000 |
| LUGAR DE ORIGEM | <i>Local Stoke-on-trent), condado de Staffordshire, Inglaterra</i> |
| DESCRIÇÃO DA MARCA | Sol nascente entre inscrições |
| TÉCNICA | Carimbo ou impressão |

| | |
|-----------------------|--------------------------------------|
| INSCRIÇÕES | CHINA REG. D SOL 391413 J & G MEAKIN |
| PERÍODO DE FABRICAÇÃO | 1912 + |
| PERÍODO DA MARCA | c.1912-1963. Marks, C. (2007) |
| FORMA | Plana |

| | |
|------------------------|--|
| DIMENSÕES | 4,6 cm de largura e 6 cm de altura |
| ESTADO DE FRAGMENTAÇÃO | FRAGMENTOS COLADOS |
| ESTADO DE CONSERVAÇÃO | “bom” (de acordo com as classificações da ficha de identificação de objeto/inventário) |

Fonte: Ficha realizada pela autora e baseada no livro *A Faiança Fina em Porto Alegre, Vestígios Arqueológicos de uma Cidade*, 2018.

Percebendo o objeto como *testemunha material* (BARBUY, 1995) da sociedade que o produziu e utilizou e, conseqüentemente, como fonte de informação sobre as dinâmicas sociais – que resulta de ampla ressignificação – a pesquisa foi direcionada à compreensão e análise da louça como objeto inserido no contexto de produção em mercado estrangeiro, circulação e uso doméstico na cidade de Porto Alegre revestida pelas influências do século XX, e sobretudo, conduzida pelo *ethos* do que reconhecia-se como identidade feminina.

4.1 PORTO ALEGRE NO SÉCULO XX – DO MACRO AO MICRO ESPAÇO, OU DO ESPAÇO URBANO AO FAMILIAR

Segundo Margarete Moraes, sobre a importância dos estudos em Arqueologia Urbana para a compreensão da trajetória humana, e sob a perspectiva dos espaços urbanos:

uma cidade congrega diferentes vidas, histórias e relações humanas. Dinâmica e mutável, está sempre se refazendo, num processo permanente de construção e reconstrução sobre as bases anteriores, ao sabor da história, fatalidade ou moda. Do seu passado, deixa pistas, amostras, pedaços de cada época sepultados pela nova etapa que se inicia (2001 *apud* Tocchetto *et al*, p.7).

Conforme Neves e Martins (2009), [...] Porto Alegre, na virada do século XIX para o século XX, é uma cidade em processo de modernização e, desta forma, diversas

modificações foram realizadas a fim de que o espaço urbano manifestasse em seu planejamento e arquitetura o aspecto positivista, e não mais provinciano. Ainda, de acordo com Tocchetto e Toledo (2009), “visando a reestruturação dos espaços urbanos, camadas de aterros cobriram, em diferentes momentos do século XIX, os refugos descartados pela população urbana”. Conseqüentemente, cabe a teoria que os espaços habitados no Centro Histórico de Porto Alegre durante o século XX já se situavam nos espaços de aterro e/ou nos seus arredores. A Rua da Praia que, segundo Cuty (2007), ainda hoje é a grande interface urbana e social do Centro de Porto Alegre, abrigou uma espécie de vitrine viva “de quem passa, quer ver e ser visto”:

[...] a rua que literalmente beirava a praia durante os primeiros anos de ocupação da cidade, atual Rua dos Andradas, foi se distanciando da borda com o Guaíba em função dos aterros realizado desde o final do século XIX, e foi sendo ocupada, ainda na primeira metade do século XX, pelo comércio elegante e pelos casarões de famílias abastadas [...] consolidou-se como a rua do fetiche de mercadorias e de passagem de pessoas [...] (2007, p. 246).

Conforme Tocchetto e Toledo (2009), “as lixeiras coletivas apresentam, em sua composição, camadas formadas pelo descarte de lixo cotidiano nas margens do lago Guaíba e no seu antigo leito”. No final do século XIX crescia a consciência frente às condições sanitárias do espaço urbano e, frente a isto, no ano de 1837 os moradores da cidade foram orientados pelo Código de Posturas Policiais da Câmara Municipal a depositar “ciscos e imundices” ao longo da orla do Guaíba e não mais em “terrenos baldios, nos pátios de casas, nas ruas e outros locais abertos” (TOCCHETTO *et al*, 2001). Dessa forma, indica-se a possibilidade de inserção do fragmento neste processo de vida doméstica da elite porto-alegrense. Diante das transformações da cidade e dos valores vigentes, de alguma forma este grupo social consumiu inicialmente o objeto como mercadoria – na forma de louça de faiança inglesa – empregando a funcionalidade e significância ao longo do tempo, de acordo com a sua interpretação, e posteriormente encerrando a sua vida útil, ao momento de seu descarte. É visível, desta forma, um sistema de circulação e consumação do objeto. No entanto, a carga simbólica e os sujeitos por trás desse ciclo não apresentam um só perfil e percursos determinantes. Assim, foram tecidas hipóteses, para além da tangibilidade da louça pesquisada, sobre quais identidades e sentidos reverberavam naquele contexto.

4.2 RELAÇÕES DE GÊNERO E IDENTIDADE INTERLIGADAS ALÉM-MAR

Visto que o fragmento arqueológico em questão apresenta marcas que revelam a sua

origem estrangeira, conclui-se que o mesmo teria sido trazido para o mercado nacional por meio de importação. Segundo Tocchetto e Medeiros,

[...] ao se pensar o período de ocupação dos sítios arqueológicos, devemos levar em consideração que os centros produtores expandiam-se sobre as nações periféricas, buscando a ampliação dos mercados consumidores e inserindo maciçamente seus produtos industrializados (2009, p. 132).

Esta constatação revela, também, a influência de outras regiões – principalmente europeias, sobre a cultura e o modo social no Brasil do século XX. Conseqüentemente, a aquisição e a apropriação de estéticas e padrões externos indicam que o sujeito por trás do consumo da louça pertenceria a uma classe com maior poder aquisitivo e, portanto, acesso à posse de bens estrangeiros. Segundo Perrot (apud CARVALHO, p. 40):

No momento em que a estrutura de mercado, o desenvolvimento técnico e científico criam a possibilidade de uma inserção social democrática, ao romper as barreiras políticas e estamentais de acesso à riqueza, a concorrência e as diferenças sociais acirradas tornam vitais as formas materiais de ostentação de *status*.

Assim, conforme Carvalho, “transportado para o contexto brasileiro, o repertório do luxo e bem-estar europeus será aqui apropriado como uma forma superior de cultura e civilização, impregnada de sentidos de progresso e modernidade” (2008, p.26). Conseqüentemente, nota-se a introdução “de valores estéticos associados ao aburguesamento da casa” (CARVALHO, p. 71). Esta formação de estética foi intensamente estimulada pelo comércio e consumo de materiais domésticos, dentre os quais destacam-se as louças – adquiridas tanto para o uso doméstico, manifestado no “trato culinário nas cozinhas e à higiene pessoal” (CARVALHO, p. 191), como decorativo, expressando a “riqueza que se manifesta como aparência, ou seja, como bom gosto, elegância, estilo” (CARVALHO, p. 26).

Ao mesmo tempo, para além dessa relação de designação e classificação, há uma interação sinestésica – por vezes inconsciente – entre os indivíduos, seus mundos subjetivos e externos, e a tangibilidade e intangibilidade dos objetos, ou seja, os fatores intrínsecos e extrínsecos que os permeiam e os moldam. Para a designer Anna Kudelska,

[...] há objetos diretos e indiretos, objetos amados e desprezados. Estes são companheiros na experiência de vida cotidiana, conectando os mundos emocionais ao espaço mental dos indivíduos, mediante suas funções e simbolismos, caracterizando-os como verdadeiros predicados

da cultura (2014, p. 22).

Diante disto, como verdadeiros mediadores das relações sociais e, conseqüentemente, de distintas culturas, considera-se que “tanto o gênero institui papéis a serem desempenhados pelos artefatos, como é instituído ou se reproduz tendo o artefato como agente” (MENESES *apud* CARVALHO, 2008, p.13). Na pesquisa da louça como vetor cultural, identificou-se a mesma com o universo feminino uma vez que, segundo Lima,

[...] ambas estariam baseada no seu vínculo com a natureza, tanto no que diz respeito ao material – argilas claras associadas à terra – como ao temário – trigo, ramagens, frutos e flores. Tais características iconográficas corresponderiam à situação da mulher brasileira no início do século XIX, confinada às áreas íntimas e de serviço da casa (1995, *apud* CARVALHO, 2008, p. 191).

Conforme Carvalho (2008, p. 191), na segunda metade do século XIX essa dicotomia seria questionada pela valorização do papel feminino nas condutas e nos rituais públicos. Nota-se, portanto, a transformação frente à maneira como determinados objetos são classificados, identificados e cultuados dentro de uma sociedade em que constantemente são incorporadas influências externas, e as quais moldam os seus modos de ser e estar. Diante disso, relacionam-se através do estudo da cultura material as distintas imagens e estigmas referentes ao protagonismo da mulher: de um lado, na Inglaterra, as mulheres *já moldam os objetos*, protagonizando papéis ativos no meio do trabalho como operárias. Já as brasileiras, no âmbito da elite de Porto Alegre e até meados do século XX, ainda são *moldadas pelo objeto* e mantém de forma estreita o vínculo com o lar e a vida doméstica. Ao passo que distintas concepções e perspectivas de gênero são formuladas e manifestadas, dá-se lugar à atividade e autonomia feminina fora dos espaços residenciais. Para Carvalho (2008), mesmo frente às transformações sociais, “que romperiam o modelo sexuado que opunha mulher/natureza a homem/cultura”, a louça branca continuaria ligada à imagem e à personalidade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da ciclicidade e mutação da forma, sentido e funcionalidade dos objetos, conclui-se que, mesmo sofrendo alterações ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais, os objetos têm a potencialidade de transmitir mensagens e de mediar as relações entre os indivíduos que os criam e com quem mantém interações. Mesmo diante de

transformações extrínsecas e intrínsecas – representadas pela fragmentação da louça de faiança fina e as distintas ressignificações de uso, o objeto apresenta, ao longo de sua trajetória, diferentes potencialidades e personalidades. Ao se fragmentarem, os objetos arqueológicos podem ser interpretados de diversas maneiras, assim como em contextos singulares. Dessa forma, têm sua complexidade manifestada através das distintas dimensões de materialidade definidas pelas sociedades, que, por sua vez, estabelecem as características funcionais e estruturais (simbólicas) dos mesmos.

Frente a isto, as pesquisas em Museologia e Arqueologia permitem acessar campos de interpretação da cultura material, atingindo dimensões subjetivas e simbólicas. Possibilitam não só o estudo e a difusão informacional por trás da materialidade, mas também a leitura de sentidos constantemente ressignificados. Dessa forma, cabem aos museus e aos seus profissionais a frequente atualização e renovação de narrativas e discursos atribuídos aos acervos com os quais exercem a salvaguarda, a educação e comunicação do patrimônio cultural. Assim como podem ser distintas as funções empregadas a um mesmo objeto, são também as leituras não só desde a ótica de pesquisadores especializados mas também da sociedade frente ao repositório informacional carregado pela materialidade. Em um mundo onde diariamente reinventam-se as relações e as reflexões, assim como os objetos que as permeiam, são inúmeras as interpretações frente à materialidade e a imaterialidade ecoada através dos objetos. Ao passo que são moldados e postos em movimento, estes adquirem a capacidade de permear e mediar as dimensões nas quais são inseridos e, portanto, também moldam os aspectos simbólicos e estruturais das sociedades.

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloísa. **Entendendo a sociedade através dos objetos**. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *Museu Paulista: novas leituras*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1995.

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BLANCO, Angela Garcia. **La exposición: Um médio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, S.A, 1999. 236p.

CARVALHO, Vânia Carneiro. Ações centrípetas e centrífugas: individualidades sexuadas. In: CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material, São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2010, cap. 1.

Coleção de fotos « Pottery in the Making- the work of J and G Meakin Pottery, Hanley, Stoke-on-trent, Staffordshire, England, 1942 » Acervo do Museu Imperial da Guerra, Inglaterra. Disponível em : <<https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199737>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba 2006.

CUTY, Jeniffer. **Porto Alegre e seus patrimônios no século XX: evolução de conceitos, valores e feições na materialidade urbana**. Revista Em Questão, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 243-257, jul/dez 2007. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2983/2035>>. Acesso em 20 jun. 2018.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: Objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.3, ago.- nov. 2010.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, inc.. **Ironstone china**. Encyclopaedia Britannica, 2012. Disponível em : <<https://www.britannica.com/art/ironstone-china>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

FERNANDES, Rosane Patrícia; BANDEIRA, Dione Rocha da. **Potencialidade da musealização de sítios arqueológicos: caso da APA de Guaratuba - PR**. Revista Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 53-76, jul. 2014. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/295/269>>. Acesso em: 30 out. 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007.

GUILLAUME, Marc. **A Política do Patrimônio**. Porto: Campo das Letras, 2003.

KUDELSKA, Anna. O social nos objetos. In: _____. **Ícones Sacros e Ícones de Design: entre espiritualidade e tecnologia**. 2014, 124f. Dissertação (Mestrado em Design de Equipamento) - Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014.

MARKS, Chris. *J. & G. Meakin Pottery—History in the Making*. SMP Ltd, 2007.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Prefácio. In: CARVALHO, Vânia. **Gênero e artefato**: sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2008.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu; FILHO, Manuel Ferreira Lima. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do Objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun. 2005.

TOCCHETTO et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre – Vestígios Arqueológicos de uma Cidade**. Museu Joaquim José Felizardo, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. A louça em lixeiras urbanas. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 125-134, jul. 2009. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/265>>. Acesso em: 24 jun. 2018. doi: <https://doi.org/10.24885/sab.v22i1.265>.

PICCLICK, RETONTHENET. Disponível em: <<https://picclick.com/J-G-Meakin-Staffordshire-Sol-391413-181353153104.html>>; <<https://www.retonthenet.co.uk/vintage-art-nouveau-j-g-meakin-sol-reg-no-381413-1902-white-chamber-pot-potty-gazunder-circa-1900s-3063-p.asp>>. Acesso em: 15 jun. 2018.